

Participantes do Bandeira Científica fa

Todo ano, 200 alunos, 70 professores e profissionais formados pela USP deslocam-se a cidades brasileiras e oferecem consultas médicas, exames e palestras grátis

Maria da Silva (*) de 60 anos, moradora de Ivinhema, Mato Grosso do Sul, há meses dependia de cadeira de rodas para se locomover. Ela recebeu a visita domiciliar de estudantes de Medicina, Fisioterapia e Odontologia da Universidade de São Paulo (USP) e sua vida não foi mais a mesma. A equipe fez avaliação física, muscular e de sensibilidade na senhora e lhe ofereceu uma bengala, “porque concluiu que era o que ela precisava e não de uma cadeira de rodas. Ela quase chorou de felicidade porque daquele momento em diante poderia ir ao banheiro e fazer outras atividades sozinha, sem depender da família. Para aquela senhora, nossa ida à sua casa fez toda a diferença”, afirma Fernanda Coccolin, aluna do terceiro ano da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), que se orgulha de sua contribuição social ao participar do projeto *Bandeira Científica*, realizado durante dez dias no final do ano passado, em Ivinhema.

Esse projeto de extensão universitária extracurricular integra dez cursos da USP: Medicina, Nutrição, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Odontologia, Psicologia, Agronomia, Jornalismo, Audiovisual e



Estudantes de Odontologia oferecem aos moradores palestras sobre escovação dentária

Engenharia. A cada ano cerca de 200 alunos, 70 professores e profissionais formados deslocam-se a cidades brasileiras selecionadas para participar da ação social. O município é eleito pela avaliação da quantidade de habitantes (média 30 mil), médio ou baixo Índice de Desenvolvimento Humano (taxa entre 0,6 e 0,7), facilidade de acesso e presença de problemas sociais na área da saúde.

“Também consideramos a estrutura da cidade, por exemplo, se há equipe do Programa de Saúde da Família. Antes de ini-

ciarmos o projeto, conversamos com os gestores locais e verificamos quais as demandas e se existe vontade política de adesão”, explica o médico Luiz Fernando Ferraz da Silva, coordenador geral do *Bandeira Científica*.

Multidisciplinar – Detectadas as necessidades locais, os futuros especialistas, com apoio de professores e profissionais, oferecem à comunidade atendimento em várias áreas. Levam equipamentos portáteis e realizam exames ginecológicos (ultrassono-

grafia), cardiológicos (eletrocardiograma), de sangue, testes oftalmológicos.

Os estudantes de Engenharia coletam amostras de água e do solo para analisar a qualidade do precioso líquido. Verificam o perfil do solo e seus nutrientes para descobrir quais são as culturas agrícolas mais apropriadas. Na área de Odontologia, os universitários atendem à população e oferecem próteses dentárias. Pela assistência oftalmológica, após a medição de grau, as pessoas escolhem a armação dos óculos, que será entregue posteriormente, após a colocação da lente.

A expedição inclui ainda oficinas e capacitação dos agentes de saúde sobre temas mais recorrentes na região. Em Ivinhema, os alunos da USP discutiram características das verminoses e como combatê-las, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), planejamento familiar, gravidez na adolescência, funcionamento do sistema básico de saúde e correta destinação de lixo hospitalar. Os moradores participaram de palestras sobre cuidados na gestação, riscos de hipertensão, diabetes, escovação dentária, gravidez na adolescência.

Na área de Jornalismo e Audiovisual, os futuros profissionais de comunicação fazem divulgação local sobre o *Bandeira Científica*, oficinas de jornalismo nas escolas, debate para profissionais de comunicação sobre mídia e produção de vídeo institucional da expedição.

Sobre a doação da bengala, mencionada no começo do texto, o médico Ferraz



Criado em 1957, o *Bandeira Científica* agrada anualmente centenas de universitários



Fernanda: orgulho de sua contribuição social



Luiz, coordenador geral do *Bandeira Científica*

Há mais de 50 anos promovendo o bem-estar social

O projeto *Bandeira Científica* da USP foi criado em 1957 e, desde então, sofreu diversas alterações. Os universitários participam de atividades que somam 80 horas. Apesar de não ser obrigatória no currículo, anualmente a ação social agrada centenas de universitários. No geral, são mais candidatos que vagas. Na Medicina, por exemplo, a disputa é de três por um. Cada curso exige determinado nível de graduação, de acordo com as atividades profissionais desenvolvidas no município selecionado.

Para ingresso no *Bandeira Científica*, dependendo do curso, o interessado passa por prova, entrevista pessoal ou envia carta de intenção. A seleção dos integrantes, apresentação do programa e escolha da cidade iniciam no mês de abril de cada ano. A programação da viagem (logística, previsão de orçamento e alimentação) é organizada pelos próprios alunos, que se hospedam nas escolas locais.

Cada edição do projeto custa cerca de R\$ 500 mil. Recebe financiamento de

empresas privadas, como a farmacêutica Sanofi Aventis, ótica Miguel Giannini, lentes Essilor e a Fundação Faculdade de Medicina, que gerencia os recursos. Há ainda a colaboração do Hospital das Clínicas da FMUSP, que oferece insumos hospitalares, e da USP, com os recursos humanos, ambientes físicos e equipamentos para pesquisa.

Reconhecimento – O *Bandeira Científica* foi vencedor do *Prêmio Sem Fronteiras*, em 2009, como o melhor projeto de extensão universitária do Brasil. Em 2001 foi reconhecido com o *Prêmio Saúde Brasil* – concurso nacional para estudantes universitários de Medicina sobre trabalhos socialmente responsáveis. Foi tema de documentário produzido pela TV USP, que garantiu ao projeto menção honrosa na categoria *Universidade* no Festival de Cinema de Gramado (2004) e ganhou quatro prêmios em congressos científicos nacionais e internacionais.



Os *bandeirantes* realizam exames de sangue, ginecológicos, cardiológicos, entre outros

fazem a diferença na vida das pessoas



Os futuros especialistas promovem à comunidade atendimento em várias áreas

Silva diz que em qualquer cidade o recurso está disponível. No entanto, ele explica que alguns moradores, com dificuldade de locomoção, não têm acesso ao sistema de saúde e são esquecidos pelos órgãos públicos. O *Bandeira Científica* consultou gestores locais e identificou os moradores com esses problemas: "Os bandeirantes (universitários) foram a casa dessas pessoas, fizeram a avaliação conjunta e observaram que condutas simples influenciam a melhora da qualidade de vida".

Ao todo, 5.220 pessoas foram atendidas na região, realizados 2.312 exames, 5.635 consultas de profissionais de saúde, 67 palestras, 13 entrevistas, 15 reuniões com gestores, 40 próteses dentárias e doação de 610 óculos.

Chancela da USP - Ivinhema (que tem IDH de 0,73, população de 21 mil habitantes e 73,9% de cobertura do *Programa de Saúde da Família*) é a primeira cidade do centro-oeste brasileiro a integrar a ação social da USP. Entre as principais carências, havia a necessidade de especialistas em endocrinologia, oftalmologia, psiquiatria e em assistência na reabilitação. O município possui três fisioterapeutas. "Com recursos locais limitados, quais eram as chances desses profissionais consultarem os doentes em suas residências?", questiona o coordenador.

Além de oferecer assistência à saúde, o projeto *Bandeira Científica* também se preocupa em avaliar as necessidades locais e sugerir ideias para transpor a situação. Em Machadinho d'Oeste, por exemplo, município do interior de Rondônia, visitado pelos bandeirantes em 2006, foram constatados inúmeros casos de doenças psiquiátricas. "Elaboramos relatório e mostramos que a quantidade de pacientes era superior à média nacional. Sugerimos a criação de um Centro de Atenção Psicossocial (Caps) porque as pessoas viajavam sete horas até Rondônia, onde havia o tratamento", recorda o médico Ferraz Silva. A prefeitura fez o pedido aos órgãos competentes, agora com a chancela da USP, e foi contemplada no ano seguinte.

O coordenador diz que todo local em que atua o *Bandeira Científica* é oferecido relatório gratuitamente visando melhorias à população: "Por isso, a vontade política é importante. Após nossas sugestões, o município usará recursos próprios ou disponíveis nas esferas estadual e federal para tentar resolver a situação".

Em Ivinhema, a expedição ocorreu de 12 a 22 de dezembro de 2009. No momento, os bandeirantes, professores e profissionais analisam os dados coletados e os atendimentos realizados para mensurar as necessidades da região. Depois, visitarão a cidade



Estudantes de Engenharia coletaram amostras de água e do solo para análise

novamente, conversarão com os gestores e oferecerão o relatório. O trabalho foi realizado em parceria com os alunos e professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Pelos convênios, o trabalho será acompanhado durante um ano, com a previsão de continuidade de algumas ações do *Bandeira Científica*.

Consequência ambiental - O engenheiro ambiental Bruno Martins Camargo, formado pela USP em 2009, conta que profissionais de saúde de Ivinhema misturavam resíduos infectados com resíduos comuns e os jogavam num fosso, o que contaminava o solo. A cidade recebeu multa da Vigilância Sanitária.

As equipes de Engenharia e de Medicina da USP palestraram para funcionários de hospitais e da área farmacêutica esclarecendo a destinação correta do lixo. A prefeitura começou a adotar sistema de incineração e separação dos resíduos. "Mais do que aprender a separar os materiais, ensinamos as consequências ambientais das condutas erradas de descarte", frisa o engenheiro.

No *Bandeira Científica* ele diz que aprendeu sobre a importância do bem-estar social. Bruno trabalha numa estação de tratamento de água na República Dominicana: "Vejo que lá muitos profissionais só pensam no tratamento de água para uma indústria e o quanto isso resultará em lucros. Eu e outros engenheiros damos atenção especial aos projetos para garantir o benefício social".

Ele informa que em Ivinhema 70% do abastecimento resultam de água de poço tratada. Bruno e os alunos de Engenharia recolheram amostras nas caixas d'água e agora avaliam se o líquido está contaminado e se esse fator relaciona-se às doenças mais frequentes na localidade.

(* Nome fictício)

Viviane Gomes
Da Agência Imprensa Oficial

Ajuda em números	
Consultas	
Clínica geral	1.725
Ginecologia	185
Pediatria	422
Fisiatria	95
Dermatologia	301
Psiquiatria	98
Oftalmologia	1.108
Fisioterapia	512
Nutrição	502
Psicologia	45
Odontologia	607
Fonoaudiologia	35
Psiquiatria	104
Endocrinologia	75
Exames	
Glicemia de ponta de dedo	1.423
Amostra de sangue	725
Citológico	68
Anátomo patológico	9
Ultra-sonografia	52
Eletrocardiograma	35



"Realizamos a palestra sobre funcionamento do sistema básico de saúde para cada agente da área compreender sua função no acolhimento ao paciente. Foi legal porque esse profissional não tinha ideia de sua importância no sistema"

Renata Franco Pimentel Mendes,
4º ano de Medicina



"A cidade tinha quantidade razoável de funcionários da saúde, mas faltava otimizá-los. Os gestores resistiam diante de nossas sugestões de palestras de capacitação e achavam difícil conscientizar os médicos da localidade. Depois, adoraram nosso trabalho. Mostramos que não queríamos resolver os problemas de Ivinhema, mas sim refletir sobre o que estava inadequado"

Camila Sartori,
4º ano de Medicina



"Depois de consultarmos os pacientes de Ivinhema, nosso trabalho pós-expedição é analisar quais as causas sociais que levam às doenças psicológicas e psiquiátricas. A rede possui três assistentes sociais e três psicólogos, mas desenvolviam projetos independentes. No projeto para gestantes, por exemplo, não havia comunicação entre os profissionais. Quando conversamos com eles sobre esse assunto foi um aprendizado para todos. Assistentes sociais e psicólogos perceberam a importância do diálogo e passaram a realizar encontros mensais na rede"

Tatiana Mascarenhas,
5º ano de Psicologia